



# NAZARÉ

*Ana Catarina Teles*

DEZEMBRO DE 2019 A JANEIRO DE 2020







## Por que Nazaré?

**Se eu dissesse que fotografar em Nazaré era um dos meus sonhos, estaria mentindo. Caí por ali de paraquedas. Na verdade, muita coisa na minha vida acontece assim: quando menos espero. Se eu sinto que estou preparada pra isso, aceito. Se não, tento adiar. Mas geralmente eu aceito por gostar de desafios responsáveis.**

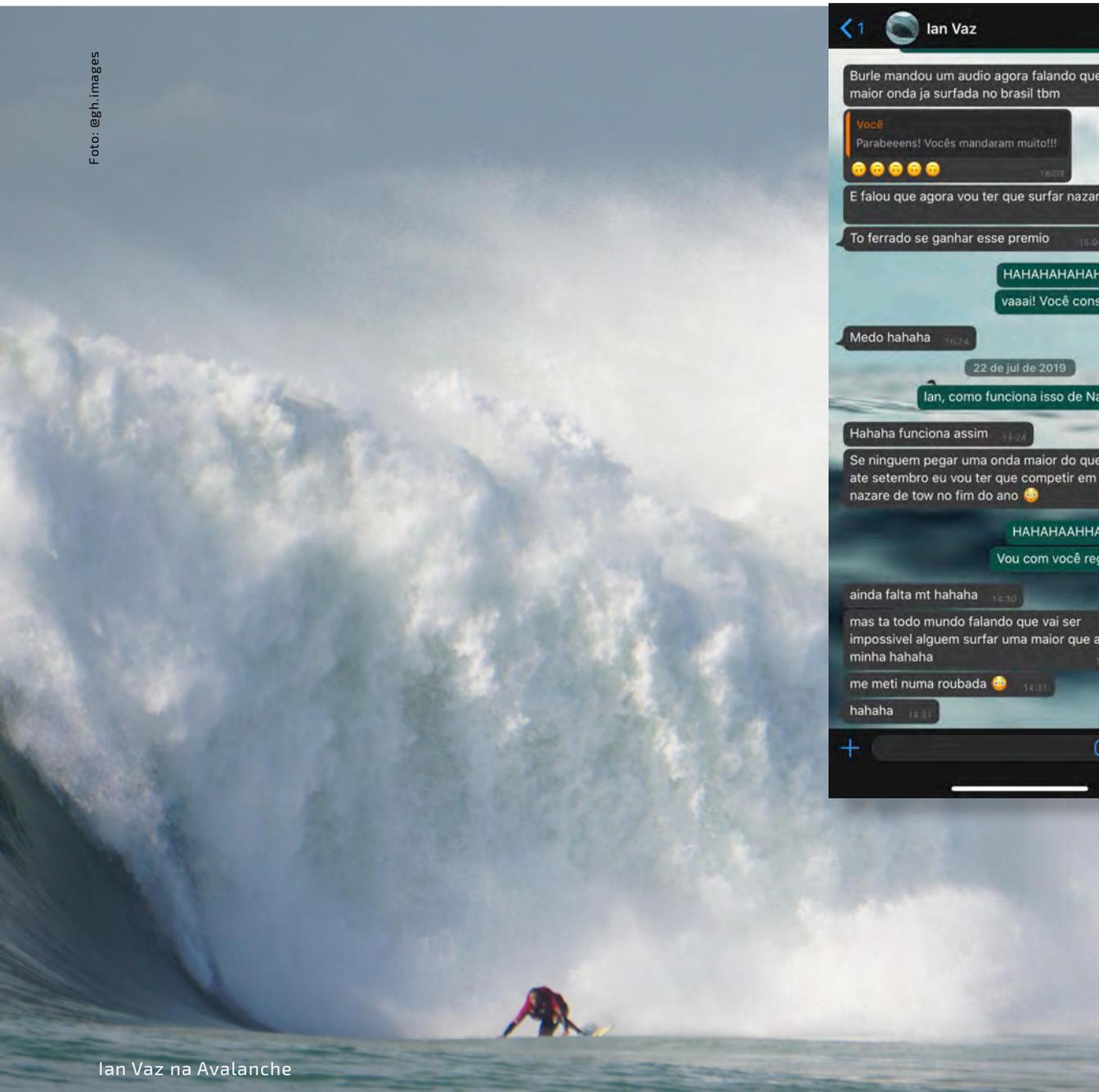
Essa história de Nazaré começou quando o Ian Vaz, sem querer e sem pretensão, pegou a maior onda surfada no Brasil, em julho de 2019, no Espírito Santo. Ele e o Caio, seu irmão (e que juntos são a dupla Irmãos Vaz) costumam no dia-a-dia fazer *tow in*, onde um puxa o outro de *jet ski* nas ondas com um cabo. Não importam as condições, eles estão na água. E o *jet* foi uma ótima aquisição para esse treino, logo após o Caio ser campeão mundial de *stand-up paddle*!

Uma breve apresentação sobre os dois: os conheci quando voltava da Indonésia em 2014 e estava começando a fotografar na água. Nos conhecemos num encontro casual no aeroporto de Jakarta e desde então, não paramos de nos encontrar pra fotografar. Diria que o Caio e Ian foram o grande “*turning point*” na minha carreira de fotógrafa. Foram os primeiros grandes surfistas que fotografei e em especial com o Ian, começamos a fotografar com muita frequência em Ipanema. Na fotografia de surf é assim: o nível da performance do surfista ajuda bastante a fazer um bom clique. Nossa relação foi além de fotógrafo-surfista e viramos muito amigos, não só deles, mas da família. E é assim que me sinto: uma agregada da família Vaz.

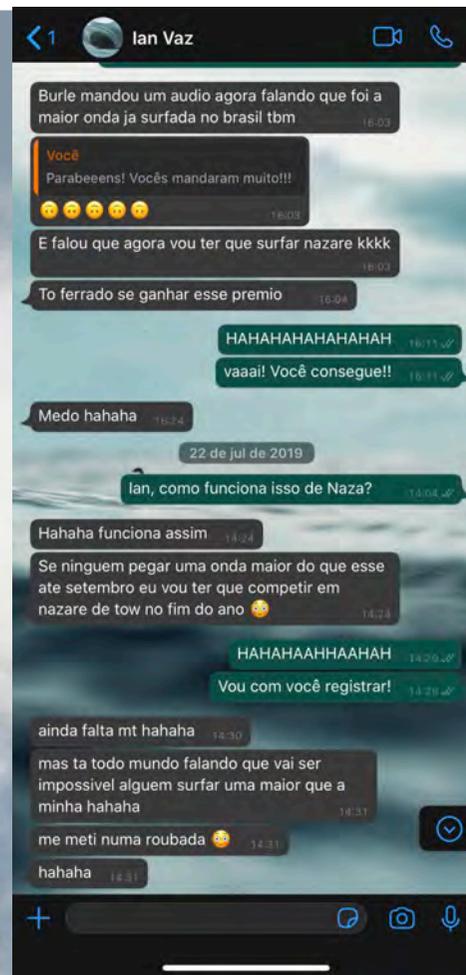
A onda surfada pelo Ian em questão foi Avalanche, em Vila Velha. Ian me ligou numa sexta-feira por volta das 20h. Eu estava na Barra da Tijuca, ele estava indo de ônibus pra Vitória e eu dei só apoio moral mesmo. Não dava tempo de ir e confesso que não super me animei. Dois dias depois, uma mensagem dele no *Whatsapp*: “se ninguém pegar uma onda maior que a minha até setembro, vou ter que competir em Nazaré.”



Caio, Andrea, eu, Ian pré-preparação



Ian Vaz na Avalanche



O presente de grego para esse feito era surfar durante um desafio chamado “Gigantes de Nazaré”, uma das ondas mais temidas e monstruosas do mundo, em Portugal.

Palco das maiores ondas do mundo, em Nazaré acontece um fenômeno geográfico que nunca tinha parado pra pesquisar o porquê. Tecnicamente falando, a alguns quilômetros da costa, existe um cânion (ou canhão como costumam chamar os portugueses) com mais de 200m de profundidade, que faz com que as ondas se dividam e se juntem novamente no *outside*, duplicando de tamanho e chegando a cem pés cada. Cem pés!

No fundo, pensando com meu lado som-  
bra, fiquei um pouco triste em não ter  
ido pro Espírito Santo e não ter feito  
nenhum registro, principalmente a foto  
da tal onda enorme que ele surfou. Mas  
entendi que era o momento de outros  
brilharem. Acho que também por isso,  
uma vontade muito forte veio de dentro  
em querer embarcar nesse desafio tam-  
bém! Desafio de nossas vidas, talvez.

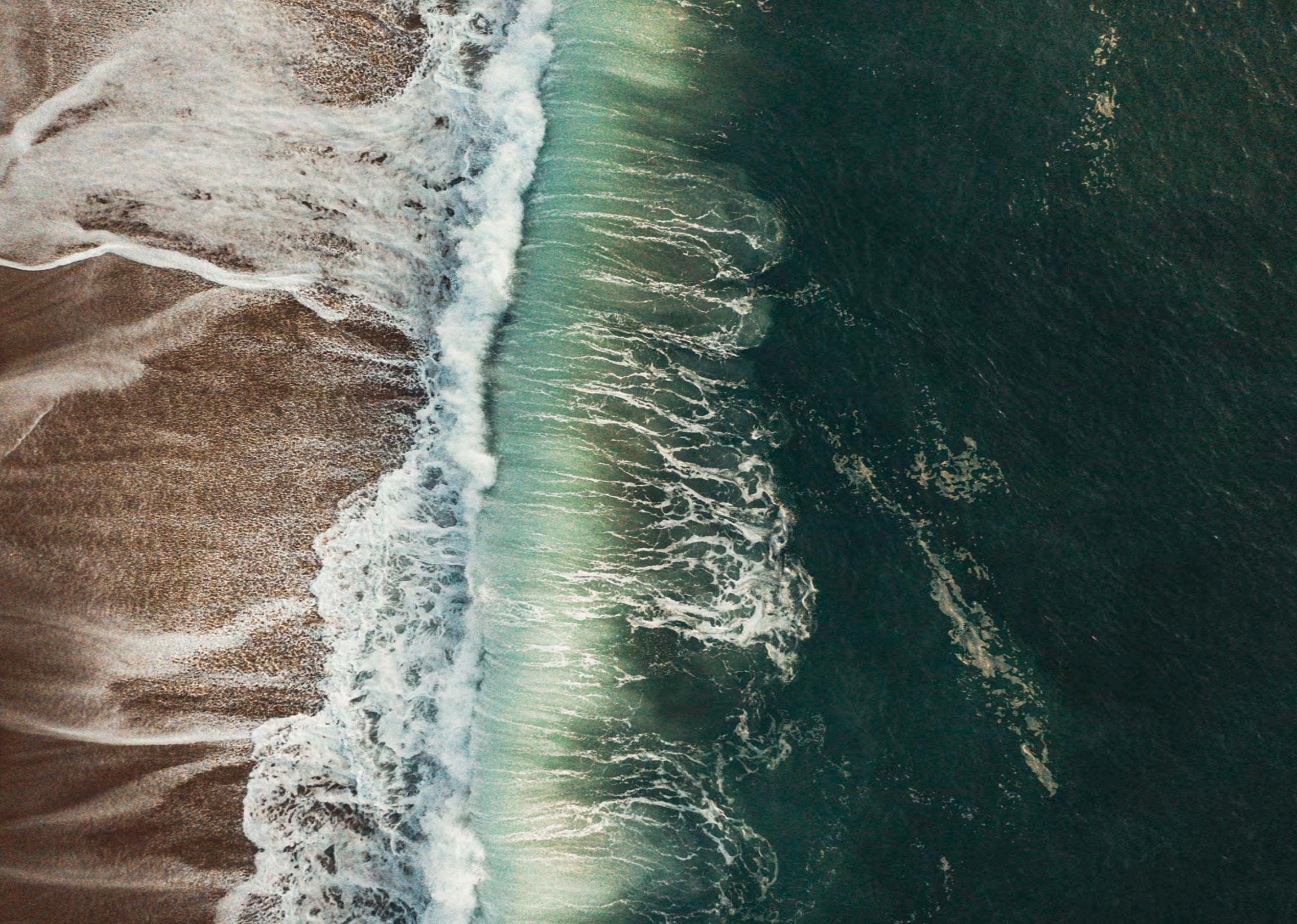
Passagens emitidas, dezembro e janeiro se-  
riam nossos dois meses por Nazaré. Em  
outubro, o prêmio foi confirmado e aí  
entramos numa contagem regressiva.  
Ian não competia mais e estava tentan-  
do levar uma vida de cidadão comum:  
carteira assinada, faculdade e surf prati-  
camente só no fim de semana. Saiu do  
emprego e ficou com mais tempo pra se  
dedicar. Intensificou os treinos e eu era  
sempre a rêmora ali do tubarão: o que  
ele fazia, eu fazia também.





Treina todos os dias até a data da viagem, ele na rotina dele, eu na minha. Natação, resistência, corrida, treino hirt, fotografar no mar e, claro, fechar a boca. Não que eu fosse entrar num mar grande (até porque é praticamente impossível num Nazaré característico), mas eu queria estar bem. E estava. Cheguei inclusive a treinar em Nazaré, mas o frio foi um obstáculo que eu conto depois.

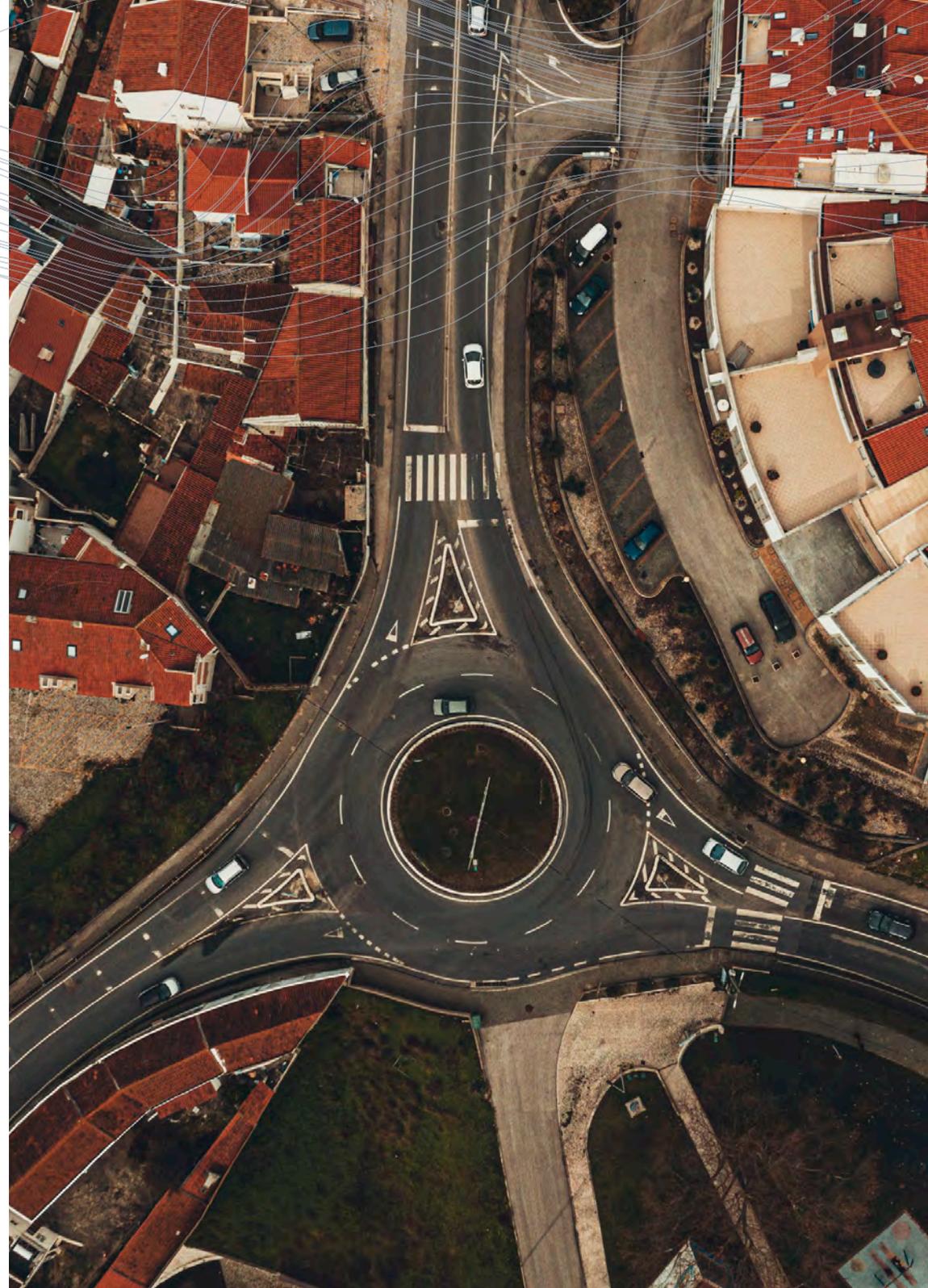
Tudo foi muito diferente do que eu imaginava. Na verdade, eu não imaginava nada, porque a grande maioria das imagens que eu via era um farol, ondas enormes e umas cabecinhas olhando, acompanhadas de um mau tempo. E tudo conspirou pra que eu saísse da minha zona de conforto. Aliás, desde que essa história começou, eu já estava pulando fora dela.



# Oi, Nazaré

**Ian foi uma semana antes de mim e se encarregou em me enviar *teasers* de fotos e vídeos do que estava acontecendo por lá, enquanto eu ainda estava no Rio. Cheguei uma semana depois, no dia 10 de dezembro à noite. Nazaré ficava a cerca de 1h30 de Lisboa e um ex-namorado de 1915 chamado Rafael (um querido, amigo pra sempre inclusive) fez a caridade de levar a mala aqui até lá! Caio, irmão do Ian, já estava desde outubro em Portugal, entendendo a logística “aluguel de *jetski*”, lugar pra ficar e treinando resgate, como ele mesmo se prontificou.**

Ficamos num apartamento cujo prédio tinha cheirinho de casa de avó, sem elevador, de dois quartos, como a maioria das construções antigas na pequena vila. Eram 3 andares com um terraço, área comum dos moradores e uma numeração que só no final consegui entender: piso 2, casa 3, algo assim. Mas na minha cabeça, juntava o 2 do andar com o 3 da casa e virava 23. Mas não! Se eu fosse descrever de forma discreta Nazaré seria “uma cidade no interior de Minas Gerais, com mar”. Cidade com uma população mais idosa, onde de um extremo a outro de carro duravam sempre 10 minutos (com exceção do tumulto de Réveillon). Nunca tinha trânsito. Fazia frio, inverno castigava, que mais pra frente chamamos de brincadeira de “frio ilegal”.





Nossa rotina era a coisa mais gostosinha dessa vida: acordar por volta de 7h20, quando ainda estava escuro, trocar o pijama por uma roupa quentinha, ir de carro ver o mar na Fazendinha, um *plateau* barrento um pouco mais baixo que o farol e um pouco mais alto que a linha da Praia do Norte. Contextualizando, existe o Farol, mas o nome da praia onde quase tudo acontece é Praia do Norte, à direita do farol. Quase tudo porque chegamos a ver outras ondas em outros locais adjacentes. Depois do *check* matinal, tomávamos café no “Cores e Sabores”, padoquinha com o melhor misto com ovo do universo, ou tomávamos café em casa mesmo. Dali decidíamos a que horas surfar. Tudo dependia desse *check* que dávamos. O fato da cidade ser pequena e com poucos habitantes também fazia tudo ficar muito prático. Posso resumir os itinerários possíveis em:

- Porto: de onde saem os *jets*;
- Farol: de onde se veem as ondas;
- Fazendinha: onde fazemos o *surf check* matinal;
- Cores e Sabores: pit stop pra um café da manhã gostoso;
- Praia do Norte: onde tive meus dias divertidos de “*small waves*” e onde as ondas grandes acontecem.

Os varais da cidade em dias de sol também me fascinavam. Ficava que nem boba olhando pro alto. A luz de Nazaré foi uma das mais bonitas que me deparei, amena do amanhecer ao entardecer, parecia não existir aquela luz dura de meio-dia. É tudo muito pacato e sem grandes opções de entretenimento, o que te faz ter foco e um cotidiano pro surf. Somado a um baixo custo de vida, certamente moraria por lá. O mau tempo era bem frequente, mas por sorte pegamos lindos dias de sol também. Ah, Nazaré era cheia de rotatórias e não tinha sinal de trânsito.

A água congelante também fazia parte, o que nos fez providenciar um roupa de neoprene com 2 mm a mais de espessura da que usamos no Rio de Janeiro nos dias mais frios. Ah, com direito a capuz. E botinha. Tipo foca. Pra quem entende, usávamos uma 5/5mm.





Caio de Spotter

Já no primeiro dia e longe de ser um dia de *swell* grande, pude sentir um pouco da tensão e da dinâmica que surfar ondas grandes nos trazem. Confesso que fiquei nervosa, pensando no Ian, mas senti ele tão à vontade que a confiança em tudo e otimismo me contagiaram.

Pra começar, o *jetski* saía do Porto de Abrigo, uma Marina onde a gente estacionava e caminhava 1 minuto até os *jets*. O difícil era trocar de roupa ali no carro, tirar os casacos, vestir o poncho e entrar na roupa de borracha. Tudo com vento gelado. Era tão frio que essa parte era tipo brincadeira da Xuxa de se vestir mais rápido. A dinâmica do *Big surf* resumidamente funcionava assim:

- o surf não é individual: existem equipes. Cada equipe tem o seu próprio *jet*, onde o piloto coloca o surfista na onda, puxado por um cabo. Um segundo *jet* da equipe faz o resgate de quem surfou;
- todos usam rádios;
- existem *Spotters* no *Cliff* responsáveis por informar via rádio se tem série entrando, de quantas ondas, qual onda é a maior, em que pico a série vem. Ah, na Praia do Norte os picos são o que eles chamam de Pico 1, Pico 2 e Pico 3, sendo o 1 o mais próximo e de frente ao Farol e pras pedras.
- se o surfista cai na onda, cabe ao *Spotter* também informar aos demais que ele caiu e onde está para que o *jet* o resgate.



NAZARÉ JOGOS

Toda essa dinâmica foi uma necessidade que ao longo do tempo foi acontecendo no surf de onda grande. Inclusive o socorro que eles mesmo se organizam pra ter na areia em dias muito grandes para, caso ocorra algum acidente, o surfista receba o atendimento imediatamente. Todos ali têm plena noção dos riscos que correm, apesar de muito preparados para estarem ali. E eles mesmos decidiram fazer essa vaquinha da equipe médica pois, apesar de alguns terem desfibrilador e outros equipamentos médicos para emergência, só quem pode operá-los são médicos de verdade. Ou seja, você pode até salvar uma vida, mas vai responder judicialmente por isso. Então, se organizaram para custearem uma dupla médica que fica na areia para os dias mais críticos. Isso eleva o surf a um nível ainda mais profissional e sério, lugar esse que nunca deveria ter deixado de ocupar.

Surfar Nazaré é algo relativamente novo, que não chega a ter dez anos. Um belo dia, um local de Nazaré mandou um email pra Garrett McNamara, americano referência na modalidade, convidando-o pra conhecer as ondas da cidade, que ele realmente iria se surpreender. Reza a lenda que o





email foi pro *Spam* e rolou um atraso pra que essa visita realmente acontecesse. Quando Garrett finalmente surfou Nazaré, isso mudou a história da cidade, que passou a receber muitos turistas e visitantes pra ver as ondas e assistir ao surf. Eu particularmente acho incrível essa história e mais ainda maravilhoso o poder do surf de transformar a energia de um lugar e mudar a dinâmica de visitas. O que era somente um Farol tornou-se um museu do *big surf*, com pranchas e depoimentos dos principais surfistas. Dizem que mais de 1 milhão de visitantes já estiveram ali.

O simples “mergulhar” na Praia do Norte era algo que há poucas décadas era praticamente proibido. As pessoas tinham medo do mar ali e também reza a lenda, que um grupo de 6 homens mais rebeldes se aventuravam e entravam sem se importar se era certo ou errado.

A frase que eu mais falava em Nazaré era “é muita água”, porque de fato o volume de água, somado às correntes faziam o *inside* ficar muito mexido, branco, que fica difícil realmente achar alguém ou até a prancha quando perdiam. O resgate é feito com muita velocidade e precisão e o surfista agarra o sled o mais rápido possível e do jeito que der. Sled é o anexo do *jet ski* na parte traseira.

Às 17h, quando começa a baixar o sol (e que por do sol!), todos são obrigados a sair da água, por conta das regras da Capitania. Os *jets* então param próximo ao farol, dão tchauzinho pros espectadores e agradecem ao público, que se empolga e se sente querido e participativo! Provavelmente, na rotina da cidade, esses mesmos turistas esbarram com esses surfistas secos e sem roupa específica e não tem a menor noção de quem eram as mesmas pessoas na água. Doido esse anonimato, não?!

Isso é Nazaré. Aqui, aprendi que até o esporte mais individual e solitário pode ser coletivo também. Que por ser um surf em equipe, você pode até não estar afim de surfar, mas faz pelo outro, pelo seu parceiro. O surf me ensina demais, todo dia. Aqui, cada um supera o seu próprio limite e esse é o grande aprendizado, no fundo. Não importa o tamanho da sua onda comparado com a do outro, porque certamente em Nazaré cada um vai entrar no maior mar da sua vida. Inclusive eu, mera mortal fotógrafa! Fui no avião querendo experimentar estar dentro d'água (no *jetski* obviamente), mas completamente ciente de que a chance disso não acontecer seria maior do que acontecer.





# 16 de Dezembro

A previsão prometia. No aplicativo de previsão das ondas, 5 metros de onda, período 17. Essa previsão, pode ser multiplicada por três ou quatro. Ou seja, 5 metros podem ser 20. Acordamos às 6h, para os meninos se alongarem, fazerem os exercícios de mobilidade como sugerido pelo Fisiologista. Café da manhã não tão farto, ovos cozidos pra levarem no *jet*, caso sentissem fome e repor as energias.

O tempo estava estranho, muito vento, chuva que ia e voltava. Chegamos ao Farol para ver o mar e tinha um volume de água. A direção do *swell* não era a que julgavam perfeita, (seria acima de 300 graus; ainda estava muito de oeste). As duplas excitadas, o dia prometia. Acho que havia cerca de umas cinco equipes na água. A maioria dos surfistas em Nazaré é *gooffy*, pé esquerdo atrás. Ian, Caio e Justine são os únicos *regulars*, com o pé direito atrás. Isso tudo significa que as outras duplas se descabelam pela esquerda do Pico 1, enquanto eles preferem a direita do Pico 2.



Seg	Seg	Seg	Seg	Seg	Seg
16.	16.	16.	16.	16.	16.
06h	09h	12h	15h	18h	21h
5	3	16	15	18	21
7	4	20	19	24	27
↖	→	↓	↓	↓	↓
5	4.8	4.7	4.6	4.5	4.5
17	17	17	17	16	16
↘	↘	↘	↘	↘	↘
11	12	12	12	12	12
-	100	100	88	94	92
-	97	98	100	88	54
-	89	97	100	100	91
-	1.2	6	3.4	1	0.8

Chovia muito, o vento atrapalhava a visibilidade. Fiquei em terra, abaixo do Farol, fotografando ali mesmo. Buscava um ângulo que me satisfizesse mas na verdade, a angulação da onda que decide um pouco onde o fotógrafo vai ficar. Fotografar Nazaré tá longe de ser uma tarefa fácil, esteja o fotógrafo onde estiver. Seja na água, no drone enfrentando os ventos fortes ou em terra, enfrentando a neblina, a maresia que vinha reta na lente e as chuvas. A chuva apertou, era por volta das 11h da manhã já. De fora, pouco enxergávamos. Parecia difícil dos surfistas se acharem ali. Na água, Maya canta a pedra pro Caio: “hoje, a onda é quem vai escolher quem vai pegar a boa”. Não deu outra. Lá no horizonte, começam a aparecer as linhas de uma série grande, vindo mais atrás no Pico 2. A maioria dos surfistas estava no Pico 1. Com a visibilidade prejudicada, estava praticamente impossível identificar os surfistas. Aliás, o tópico “identificar os surfistas” merece um destaque que já cito logo abaixo.





A direita do Caio

Sobe uma direita que não parava nunca de crescer e um *jet* indo que nem um foguete em busca dela. Caçador mesmo. *Jet* azul e amarelo, eram eles. O Caio e Ian são muito parecidos, até surfando. Mesma base, estilo parecido, às vezes roupa de borracha da mesma cor. Já vi eles próprios se confundindo. Já vi a mãe deles confundindo. Um deles na onda, eu nunca tinha visto algo assim. Uma ladeira sem fim. Chuto que ele deve ter ido a mais de 60km/h. A prancha deles de *tow in* pesa 10kg, tem plaquinhas de chumbo no interior dela, pra que em alta velocidade e com o vento, a prancha não saia voando. A maioria dos surfistas de onda grande tem muitas pranchas de *tow in*. Ian e Caio dividiam a mesma. Sem contar que logo no primeiro surf, a prancha do Caio foi pra pedras e ele deu pt nela. Acontece. Voltando pra jararaca que um deles descia: uma ladeira sem fim. Era o Caio, calmo e técnico como sempre. Como é lindo vê-lo surfar! Não tinha fim a onda. Eu só escutava o restante das pessoas que assistiam soltarem interjeições de espanto: “ohhhhh!”. Ele consegue chegar até a base da onda e a espuma o engole. Sem pensar duas vezes, Ian sempre atento consegue fazer o resgate de primeira e sem margem pra erros. Disse que o vento e chuva deixavam a visibilidade muito debilitada. Saiu por cima da onda de trás, no limite e no limite das pedras. O rádio toca: “Caio machucou o pé, busca a gente no porto”.

No fim da onda, o pé dele havia ficado preso na alça da prancha. Nazaré não tem esse tipo de atendimento hospitalar. Fomos a Leiria, a 30 minutos de lá e passamos o resto do dia no hospital. Famintos, o pé do Caio parecia uma bola de basquete e eu nunca o vi tão feliz! Talvez mais feliz do que na festa dele, quando foi campeão mundial. Havia pego a maior onda e segundo ele: a onda da vida. Era tanta, tanta felicidade, que ele não se importava com o gesso e de ter fraturado o segundo metatarso. Só conseguia ver e rever o vídeo da onda, feliz! Ian se consagrou pelo resgate. As pessoas comentavam: “a onda foi incrível, mas o resgate foi milimétrico”! Isso é o *Big surf*: equipe, coletividade, evoluir juntos. Ian parecia ter surfado junto por ver a felicidade do irmão. Até irmos embora, aquela tinha sido a maior onda surfada na temporada. Em fevereiro, Nazaré recebeu ondas bizarras e talvez esse tamanho tenha sido superado. Mas o que mais importa era ver a alegria dos dois e ali, a sensação dos dois de metade do dever cumprido. Isso tudo eram só treinos até o dia do evento, o Gigantes de Nazaré, cuja data não havia sido definida. No *Big surf*, geralmente as janelas são realmente extensas e a organização tinha até o fim de janeiro pra rodar o desafio. Terminamos nosso dia comemorando numa japonês que achamos em Leiria. Merecido!





# Molhando o pé em Nazaré

No dia seguinte, Caio ainda soltava gritos de alegria. Não acreditava na onda que havia pego. Acordei, tomei banho e achei que seria um dia normal. Um banho às 9h da manhã anulava até a possibilidade da minha corridinha dia sim, dia não. Estava no terraço de cabelo molhado ainda voando o drone até o farol pra ver o mar, quando o Ian abriu a portinha e falou: “já experimentou sua roupa nova de borracha? Você vai pra água agora.” Não sabia se ria ou chorava, se era de nervoso ou emoção! Hahahahah! Não tinha me preparado psicologicamente pra isso assim de repente!

Fomos pro Porto e ali vestindo a roupa de borracha meu coração já acelerava. A dinâmica do *jetski* era a seguinte: eu na garupa, uma cordinha entre nós, uma caixa estanque com uma lente 70-200 (pra longe) e as coxas fazendo muita força no banco pra eu não cair.





Ao longo da sessão, fui ficando à vontade e colocando em prática umas percepções da época que fiz faculdade de Educação Física. Como quem saca uma arma do meu lado esquerdo, eu sacava a caixa com a câmera, disparava pelo gatilho com a mão direita e apoiava a caixa no meu ombro que tava gigante de colete! Ah, esqueci de mencionar que ou eu usava um colete com espuma ou o colete inflável, onde se colocam 6 tubinhos com ar e te faz ter “6 vidas”, quase como um gato! Um dos meninos falou que preferia apostar no colete de espuma porque “era certo de eu subir pra superfície em algum momento, já que o inflável poderia falhar.” Os dois não podem ser usados ao mesmo tempo, se essa é sua pergunta. Ouvi o amigo e fui no de espuma. Perguntei também pro Ian qual era o plano B, caso eu fosse ejetada do *jet*. A resposta: “agarra o *sled* do jeito que der”. Tava fácil, Cata. Me sinto muito segura com ele. Sempre. E essa relação que criamos, não lembro em que momento da nossa amizade, me faz dar a mão pra ele em qualquer situação nova e desconhecida pra mim. Me faz acreditar que se der problema, ele está olhando por mim, até nos maiores mares que entrei (até o momento).

Pensando bem, durante essa primeira sessão dentro d'água, não teve nenhum momento que pensei que iria morrer. Quando fomos forçados a ir pro *inside*, sempre achei que conseguiríamos voltar. Ian Cosenza, xará do Ian que conhecemos do Rio de Janeiro, veio num onda grande e o Ian (Vaz) nos posicionou de *jet* logo abaixo do pico. Sempre pedia pra ele falar “segura”, pra eu saber que iríamos arrancar com o *jet* e evitar que eu caísse pra trás, já que não segurava enquanto clicava. Não foi diferente. Ele ficou paradinho ali até o último segundo, soltou o “segura”, virou o *jet* em direção à areia e fomos pro *inside*. Eu olhava pra trás e era só espuma branca, muito perto da gente. Agarrava com toda a minha força o cabo do *jet*, com a mão tão fechada que não caberia um alfinete. Pensava “Vai, Ian! Vai, Ian!” Quando tentávamos voltar pro *outside*, era só uma parede branca de espuma na nossa frente.

O Ian não só me carregava no *jet*, como me posicionava pra fazer as fotos do jeito que eu queria. Ele me conhece o suficiente pra saber quais ângulos me satisfazem. E sugeria os que ele gostava. Ali, procurávamos fazer foto de todo mundo. Fotografar onda grande também é novo pra mim. Muitas vezes, a foto tecnicamente tá legal pro meu gosto, mas sinto que outro ângulo valorizaria mais aquela onda em específico. Ou o momento do clique poderia ter começado do drop até a base, ou a escolha da foto prezaria um *lip* (crista) ainda não caindo e por aí vai. Até movimentar o foco exigia uma rapidez. A onda é grande e às vezes nem cabe ela toda no enquadramento. Nada como escutar quem tem mais experiência, né?! Pra mim é sempre o que vale. Amo críticas, são sempre construtivas!



Ian Cosenza na bomba que nos obrigou a ir pro outside



Justine Dupont numa direita no Pico 1

Em Nazaré, a sintonia entre as partes participantes e até quem tá de fora acontece muito fluidamente, e me incluo nisso enquanto fotografo também. Todo mundo quer que dê certo, todo mundo. Centenas de pessoas, turistas ou não, assistem também a esse espetáculo do farol. E de fato é um show. É um espetáculo à parte da natureza por ser um dos únicos lugares do mundo onde isso geologicamente acontece. As ondas por si só já valem o “ingresso”. Vira mais ainda um espetáculo quando o ser humano se desafia a domar essas gigantes, a fazer parte disso e ainda sim não lutar contra a natureza. A não ter limites pros seus feitos, já que é uma linha muito tênue entre a vida e a morte, caso ocorra algum erro. Esse fluxo nunca é contra a natureza, porque obviamente, quem é mais forte? Rola ali uma sintonia homem - natureza, pois essa muitas vezes escolhe quem pega a onda, quem vai ser presenteado com a *Big Mamma*, como chamamos a gigante vinda do Pico 1. Pessoa certa no lugar certo, como vi acontecer algumas vezes. Ou seja, faça sua parte que a recompensa vem, ali dentro d’água mesmo. Lei da vida.

No dia seguinte, meu corpo todo doía. Trabalho muscular de coxas e membros superiores numa linda isometria durante meu tempo no *jet*. Mãos machucadas pelas protuberâncias da caixa estanque e sorriso no rosto. Fui pro mar várias vezes ainda, com condições maiores. O Caio foi melhorando do pé com o passar do tempo e sempre que tinha uma brecha, ele me levava no *jet*. Em alguns dias, o mar estava grande mas não o suficiente pra fazer *tow in*. Era o que eles chamavam de “dia da remada”. Caio então se dividia entre me levar e olhar o Ian com a *gunzeira* na água. Serei eternamente grata por esses momentos todos que vivemos juntos. Diria que meu sentimento por esses dois meninos é 80% admiração por tudo que eles são. O episódio do Ollie foi bem particular também, mas na hora certa eu conto. O coração deles é maior do que qualquer onda de Nazaré e por isso eles são tão especiais. Unânimes como batata-frita: não tem quem não goste.





Vista da água pro Farol



## Todo mundo parece igual

Faz frio em Nazaré, cerca de 10 graus fora da água, 14 graus dentro. E o sol não faz nem cosquinha. A grande maioria dos surfistas e pessoas envolvidas no surf (fotógrafos, *filmmakers*, *rescues*) que estão dentro da água usam roupa de borracha e capuz. Do farol, de terra, todos se parecem, porque até o colete inflável que usam geralmente é o vermelho de uma mesma marca. Geralmente.

Quem é realmente do surf, sabe identificá-los pela base, estilo e cor da prancha. Mas pra quem está vendo o *big surf* acontecer, é praticamente impossível identificar até o sexo deles. E eu amo quando, dentro desse contexto, alguém dropa uma bomba e ao terminar, comentam: “é a Maya” ou “é a Justine” ou “é a Michelle”. São as três mulheres que surfam Nazaré, apenas. E é de se admirar muito tanta atitude, dedicação e coragem. Ver de perto é de arrepiar. Vejo cena de filme: tira o capuz e o cabelo balança, em *slow*.

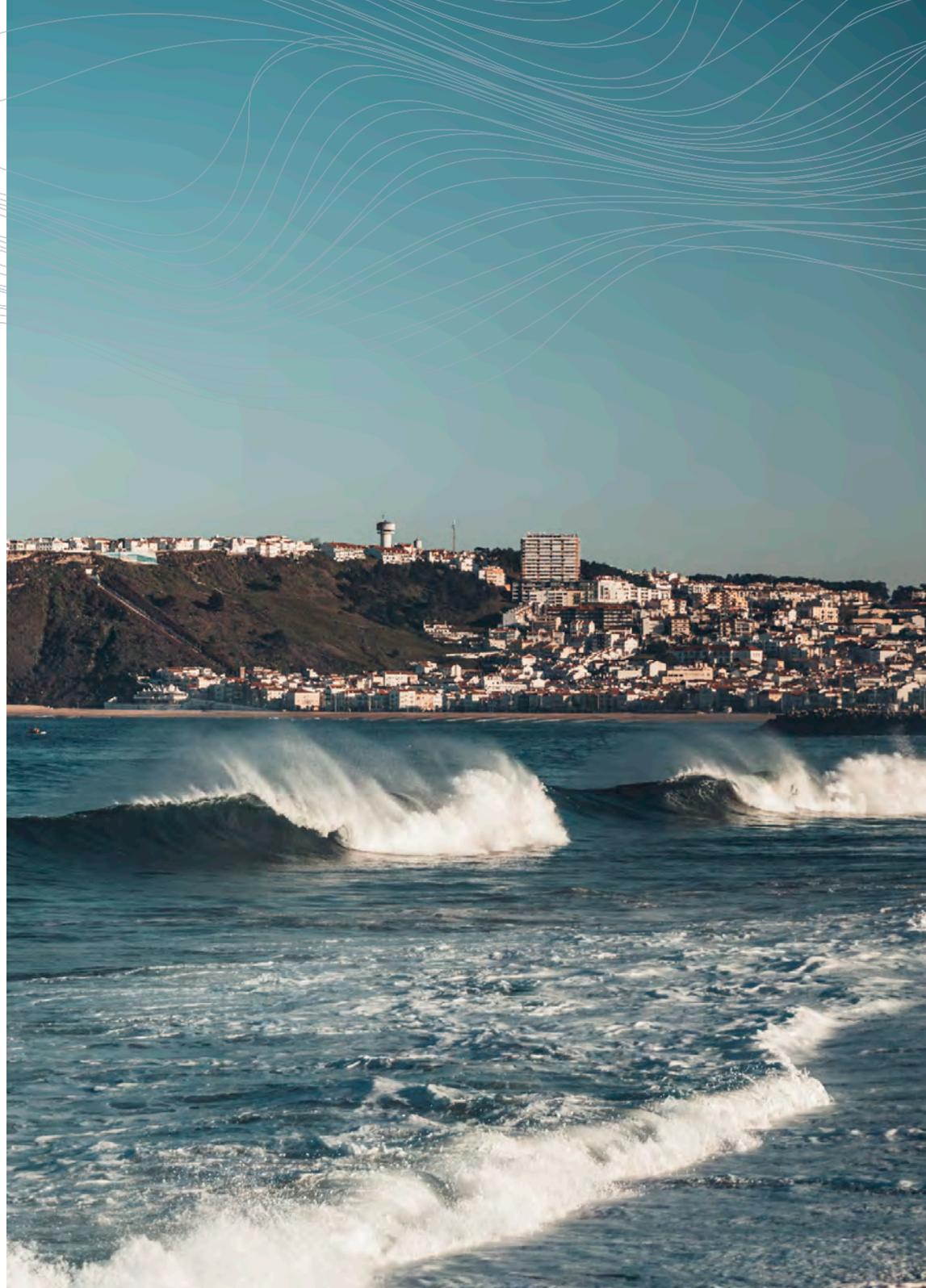


Maya Gabeira

# Renovando as energias

**O Natal vinha chegando, Caio continuava com o pé machucado e a previsão de retorno ao surf, com sorte, seria no meio de janeiro. Logo depois do dia 16, ele fez aniversário e comemoramos com um churrasco super animado, na casa que passou a ser nossa estadia posteriormente. Caio estava muito feliz! Antes da onda do dia 16 e do churrasco, tivemos um contratempo.**

Os meninos colocavam a roupa de borracha e coletes pra secar no varal do último andar, o tal terraço compartilhado. Dentro do apartamento, era impossível que até a roupa mais fininha secasse e os aquecedores eram aqueles modelos no chão. Antes de eu chegar, uma roupa de borracha do Ian, com as logos da marca deles havia supostamente voado. Dia anterior ao da direita do Caio, como carinhosamente as pessoas passaram a chamar a direita do Pico 2, os meninos subiram ao terraço pra pegar as roupas e um dos coletes infláveis havia “voado”. Eram 2 coletes vermelhos. Um deles com a logo do patrocinador do Caio e o outro como veio de fábrica. “Voou” o colete do Ian, igual a como é vendido, com a logo original do fabricante. Procuramos pelas ruas, pensamos nas possibilidades, quando





o Ian veio com um argumento: um saco de arroz de dois quilos não voa com o vento. Calei-me.

Chegamos à conclusão de que algum morador do prédio havia pegado o colete emprestado pra devolver num dia futuramente, quem sabe. O colete era caro, continha as cápsulas de gás carbônico e custava cerca de oitocentos euros. Esse fato nos fez mudar de casa. Fomos pra uma bem mais legal, com piscina, uma área externa e outra energia. Passamos juntos o Natal e fizemos um amigo oculto entre nós. Minha família toda mora em Minas Gerais e só meus pais e eu moramos pelo Rio de Janeiro. Não temos esse costume de Natal, mas passar com Caio e Ian me preencheu bastante. Me fez repensar o significado de família, o quanto escolhemos quem realmente queremos por perto.



A semana entre o Natal e o Reveillon foi de poucas ondas por Nazaré. Relativamente poucas. O tal “dia flat” tem cerca de 6 pés robustos e fortes. Mas ainda tinha um tamanho que pra remada era consistente. A entrada era pela praia mesmo, mas no dia seguinte do Natal ainda estava grande. Fiquei de fazer umas fotos com o Ian pra marca deles pela cidade. Acordamos mais cedo que o habitual e fomos até a Praia da Vila, à esquerda do Farol. Foto vai, foto vem, teral bufando e quando olhamos pro mar: “parece Ipanema”, dissemos. Fomos em casa voando pra buscar o equipamento e a Yasmim, uma menina do Rio que uma vez fez uma oficina de fotografia de surf só pra mulheres que desde lá virou amiga/ assistente/ aprendiz. Ia pra Portugal na data que estaríamos lá e nos encontrou.

Foi o primeiro dia que pude dizer que mergulhei em Nazaré! Fechadeiras perfeitas, terral, água clara e dia bonito. Poderia dizer que estávamos em casa, se não fosse a água gélida. Tudo aquilo só pra gente! Ainda que as condições fossem muito parecidas com as que eu estava acostumada, a água fria, usar roupa grossa de borracha me deixavam com um pé atrás e aquele respeito que acho que faz parte.



Ian na Praia do Norte



Ian sendo fotografado pra TVB





Maya Gabeira



Nós antes de entrar na Praia da Vila



Yasmim perdeu um pé de pato e veio desesperada com o olho esbugalhado: “perdi um pé de paaaato”. Falei: “calma, respira e nada pro fundo”. Mesmo que efetivamente eu não esteja trabalhando com a pessoa, me sinto responsável também por quem está comigo. É uma vida, né? Passei uns minutos preocupada com ela, até sair totalmente da água. Fiquei até com peso na consciência de ter causado algum trauma, mas acho que não. Ela segue fotografando na água.



A foto que mais gostei do dia

Saí do mar muito feliz com o resultado, apesar de não ser de costume fotografar com uma Fisheye, lente que requer bastante proximidade do surfista pra foto ficar legal. Praticamente temos que dividir um tubo. Gostei de ter entrado em Nazaré e sentir a água fria mas de uma forma amena. Tá, médio, saímos congelando da água e com um sorriso no rosto. É sempre isso que importa.

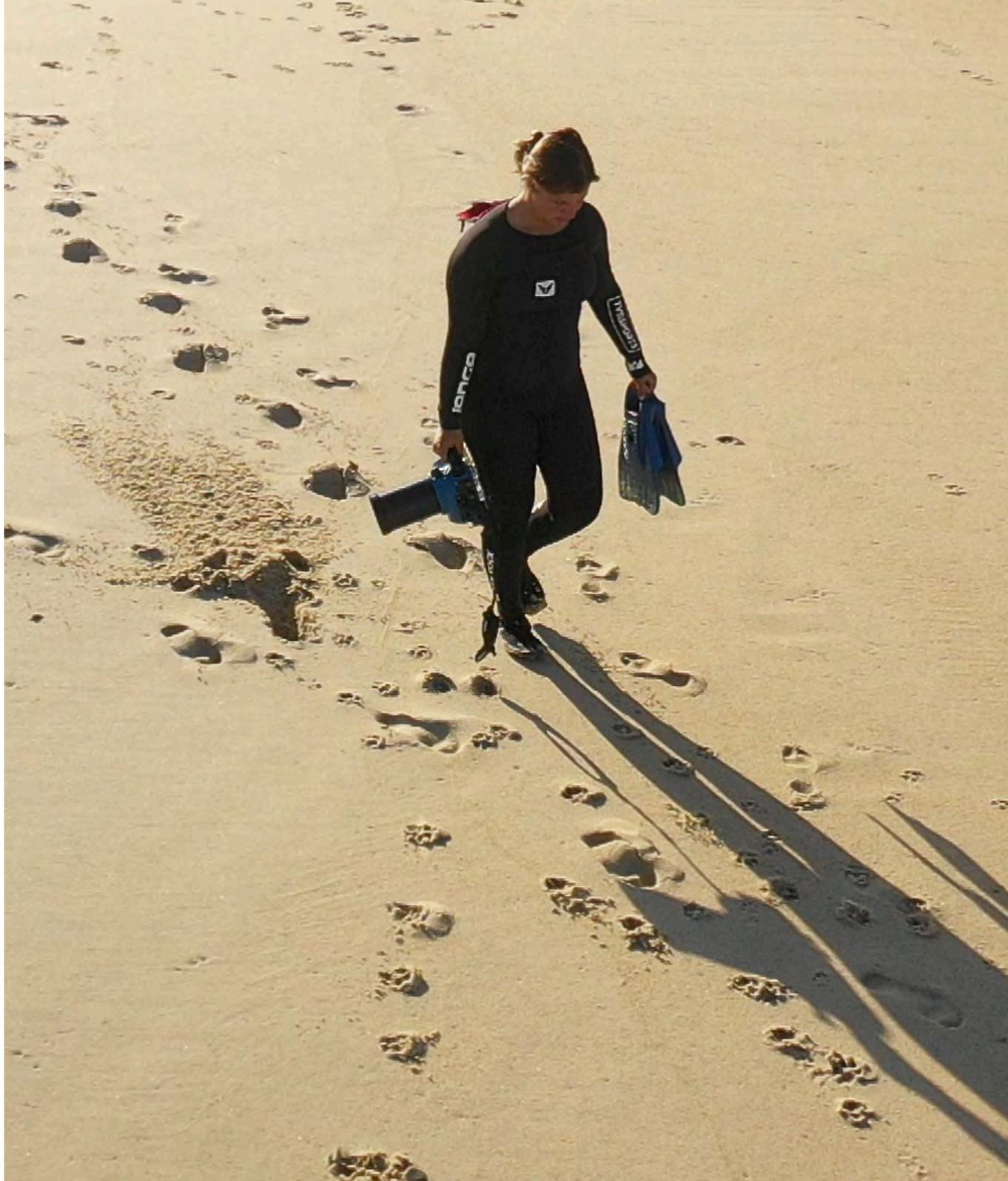
Beirando o ano novo, o mar ainda deu um respiro com um tamanho no meio do caminho. Bom pra remada entrando pela Praia do Norte mesmo, sem *jet*, mas grande pra mim. Ian remava, eu continuava clicando da areia, mas procurava alguns ângulos diferentes. Brinquei muito com textura e densidade da espuma por lá, por sinal. Com a velocidade da câmera também. Certa vez saí sozinha de casa, ainda escuro, pra arriscar uma foto que tinha na cabeça. A luz no fim de tarde da Praia do Norte era bem desafiadora também. Vem por trás da onda e quando se está na areia, até pra enxergar é difícil, por conta da luz contra. Quando digo que o mar está grande pra mim, na verdade, digo que ele está difícil, porque ali não tem canal, vem onda de todos os lados em dias mais indefinidos.

Ainda no finalzinho de 2019, fui pra água pela última vez de *jet* e o clima caprichou! Sol, uma manhã linda de sol e fui com o Caio pra água. Estava muito divertido. À tarde, tive meu maior desafio. No dia anterior, tinha tentado entrar na Praia do Norte nadando e tive bastante medo. Fui caminhando com o Polvo, um fotógrafo local gente boníssima. Acho que por não conhecer o pico, tive medo da corrente me arrastar pra zona do agrião e eu ficar tomando na cabeça. Saí da água. Deixei pro dia seguinte.





Caio ficou na areia. Tentei entrar e a corrente na beira era muito forte. Voltei. Desisti. Caio falou pra tentar mais uma vez, até conseguir. Confesso que se ele não tivesse ali, talvez tivesse desistido mesmo, mas foi um incentivo. A areia é bastante fofa e só de caminhar até a beira e segurar com as pernas a forte corrente que passa por ali já cansa. Somado com o esforço de respirar com a roupa de borracha também. Usar capuz e fotografar com a audição quase bloqueada me fazia perder um pouco a noção de onde estava e a referência também.







Fiquei com muito medo. Tanto medo que passei a linha dos surfistas e fiquei boiando no *outside*, atenta às séries ao fundo. Me deixei levar pela beleza do lugar. Contemplei o farol. Contemplei o por do sol. Contemplei os pássaros. Contemplei as pessoas que estavam ali comigo, quer dizer, eu estava com elas, elas não estavam nem aí pra mim! Na água, a Justine sem saber me dava um conforto e o Dino, *bodyboarder* local falante, me deixava subentendido que era a ele que eu devia recorrer se quisesse sair. Fiquei menos de uma hora na água e na hora de sair, pedi pro Dino me ajudar. Agarrei o ombro e saí tipo Uber. Mais um dia finalizado com sorriso no rosto e um degrau que subi na vida.



Dino Carmo

Dia 31, ano novo. Os meninos foram pra Lisboa passar a virada em uma festa. Fiquei por Nazaré. Dormíamos cedo usualmente, em torno das 22h e os dias pareciam curtos. O mar baixou e consegui finalmente ir pra água de maneira confortável no dia 31. Diria que foi um dos melhores dias que tive durante os dois meses em Nazaré. Isso me rendeu um réveillon dormindo cedo, pensando bastante sobre minha vida e fazendo um balanço sobre tudo que tem me acontecido. Não fui pra Lisboa, fiquei sozinha em casa porque de fato queria organizar minha cabeça quanto à enxurrada de pensamentos.

Praticamente um mês havia se passado desde a minha chegada em Portugal. Conviver com algumas pessoas ali me fez também refletir sobre mim, sobre meu trabalho e talvez alguns passos que precisasse dar. O que eu faço? Desde quando?

Diria que em 2019, *"I lived the dream"*, solta, sem planos, me deixando levar pelas oportunidades que apareciam. E que talvez agora eu precisasse tomar um pouco essas rédeas. Passei a quase-virada de ano escrevendo sobre planos pro futuro e formas de concretizá-los.





Maya Gabeira

Certa vez, li uma entrevista com a Maya, em que ela dizia que podia contar nos dedos quantas surfistas *big riders* tinham no mundo: sete. Me perguntei quantas fotografias de surf com expressividade tinham no surf também. Não consegui enumerar dez que eu realmente tinha como referência. O ano de 2019 me deu muita força para repensar o que faço, meus limites e minhas qualidades, entender os desafios que me esperavam e o que eu poderia extrair disso tudo. Entendi que tenho valor, o quanto eu posso e que sei fazer o que me proponho. A típica “esforçada”. De alguma forma, existe um espaço pra mim dentro do cenário brasileiro. Mas o mundo não se resume a Brasil, certo?

Pensei no quanto a gente realmente não tem noção do alcance das nossas palavras e atitudes e o quanto inspiramos outras pessoas sem nem saber. Pensei nas palavras da Maya e no foco dela. Pensei na minha trajetória e o quanto o estilo de vida que eu vivo muitas vezes me faz abrir mão de relações, sejam elas sociais ou amorosas. Me envolvi em 2019 com pessoas mais novas e isso me fez aprender sobre o que talvez tenha espaço ou não aqui. Quer dizer, eu quero estar presente? Passar dois meses fora me fez responder a essa pergunta: “não”. Estar com alguém querendo estar voando. As conexões mais incríveis que tive na vida aconteceram enquanto eu fazia o que amava: viajando, fotografando ou no mar. Ou os três juntos.

Minha forma mais confortável é fora do meu conforto: na estrada, sem nada, conhecendo pessoas, me desafiando, observando novos caminhos. Na estrada, descubro muito mais sobre mim. Fotografando, mais ainda. Então, talvez essas sejam minhas decisões mais significativas pra um teórico novo ciclo: libertar amarras, quebrar padrões, deixar fluir. Enquanto a maioria procurava tumulto para a virada de ano, eu me procurei. Eu e eu. Não existe ano novo pra quem tenta construir tijolinho por tijolinho todo dia. Logo, o dia seguinte, por acaso seria dia 01/01/2020. Queria acordar cedo, ter um mar compatível comigo e que eu pudesse fotografar de dentro. Ir pro mar.

No meio desse caminho tinha uma Maya que todo santo dia tinha essa disposição, dedicação e foco, a ponto de fazer um voo de 2 dias pro Brasil, chegar às 6h da manhã em Lisboa e nos encontrar às 8h na praia pra surfar. Inacreditável! E sou muito grata por ter essa referência durante esses meus dias. Sou muito grata por ter tantas referências boas durante esses meus dias. Na vida, na verdade.



Eu e Maya Gabeira - Foto - Naomi Adbibb



O mar dava umas subidas, mas não durava muito. Nazaré não é linear, nada é. Tem onda de sobra mas se as ondas gigantes fossem tão constantes, ninguém teria paz. Os dias grandes são muito intensos e desgastantes, níveis elevados de adrenalina, foco, atenção. Esforços físico e mental. A anatomia humana pede um respiro entre uma turbulência e outra. E aí, é hora de reorganizar a vida, arrumar a casa e colocar tudo em ordem.

Essa semana que incluía a virada de ano foi uma das mais divertidas pra mim. Talvez uma das melhores semanas da minha vida. Ficava com a mão machucada de tanto fotografar. Punho cansado de carregar o equipamento pesado. Costas doendo por tantas vezes que precisava mergulhar e a força das ondas me amassava no fundo. Cabelo todo embolado atrás por causa do capuz. Que sentimento gostoso! Sensação de evolução, de conseguir cumprir ao que me dispus. E melhor ainda é ver as imagens depois e saber que todo esse processo e esforço valeram à pena. Desde o dia que comecei a clicar.



## Ollie

**Dias antes do *swell* previsto, Caio procurava quem tivesse a melhor das imagens da onda dele, pra escolher a que mais valia à pena comprar. Gastávamos tudo em Euro, o que ficava pesado se ele comprasse três vídeos, por exemplo. Até que, falando com Tim Bonython (que os brasileiros carinhosamente chamavam de “Tio Bonitão”), um australiano com cinquenta e poucos anos, referência nas imagens aquáticas, Caio descobriu um bom ângulo da onda do dia 16.**

Sairia cerca de duzentos euros, mas na própria conversa, Tim disse que tinha um amigo australiano, surfista adaptado que estava louco pra tentar surfar Nazaré. Era Ollie. Ele precisava de alguém pra levá-lo de *jet* para o *outside*. Esbarramos casualmente com ele no farol, enquanto víamos o mar. Caio tinha combinado de puxar o Ian em umas ondas, já que ainda estava com o pé imobilizado.

A verdade é que estávamos às vésperas da suposta data dos Gigantes e ninguém queria ceder esse tempo no mar pra levar alguém que não fosse a sua dupla. Ninguém menos o Caio. Ele puxou o Ollie em boas ondas, Ollie correspondeu, era a pessoa mais feliz daquele dia em Portugal inteira, certamente. Pegou umas cinco boas ondas. Ian acabou surfando depois. Busquei Ollie no porto e ele foi me contando a história dele: perdeu a perna um ano e meio antes disso, num acidente de moto em Bali. Gastou fortunas porque não tinha seguro-viagem.

A perda do movimento no tornozelo fez Ollie buscar a adrenalina nas ondas grandes. Ainda está se readaptando a esse novo desafio, também por conta das alças na prancha e o fato de ele ter essa nova dinâmica pra tirar o pé da alça quando caísse.

Caio emprestou a prancha dele ao Ollie e o fato de eles terem a mesma base no surf facilitava. Era a única prancha do Caio, que voltou inteirinha. Eles foram os únicos dispostos a fazer isso pelo Ollie e talvez o Ollie tenha sido o primeiro surfista adaptado a surfar Nazaré. Apenas mais uma atitude que tornam Caio e Ian especiais e únicos.



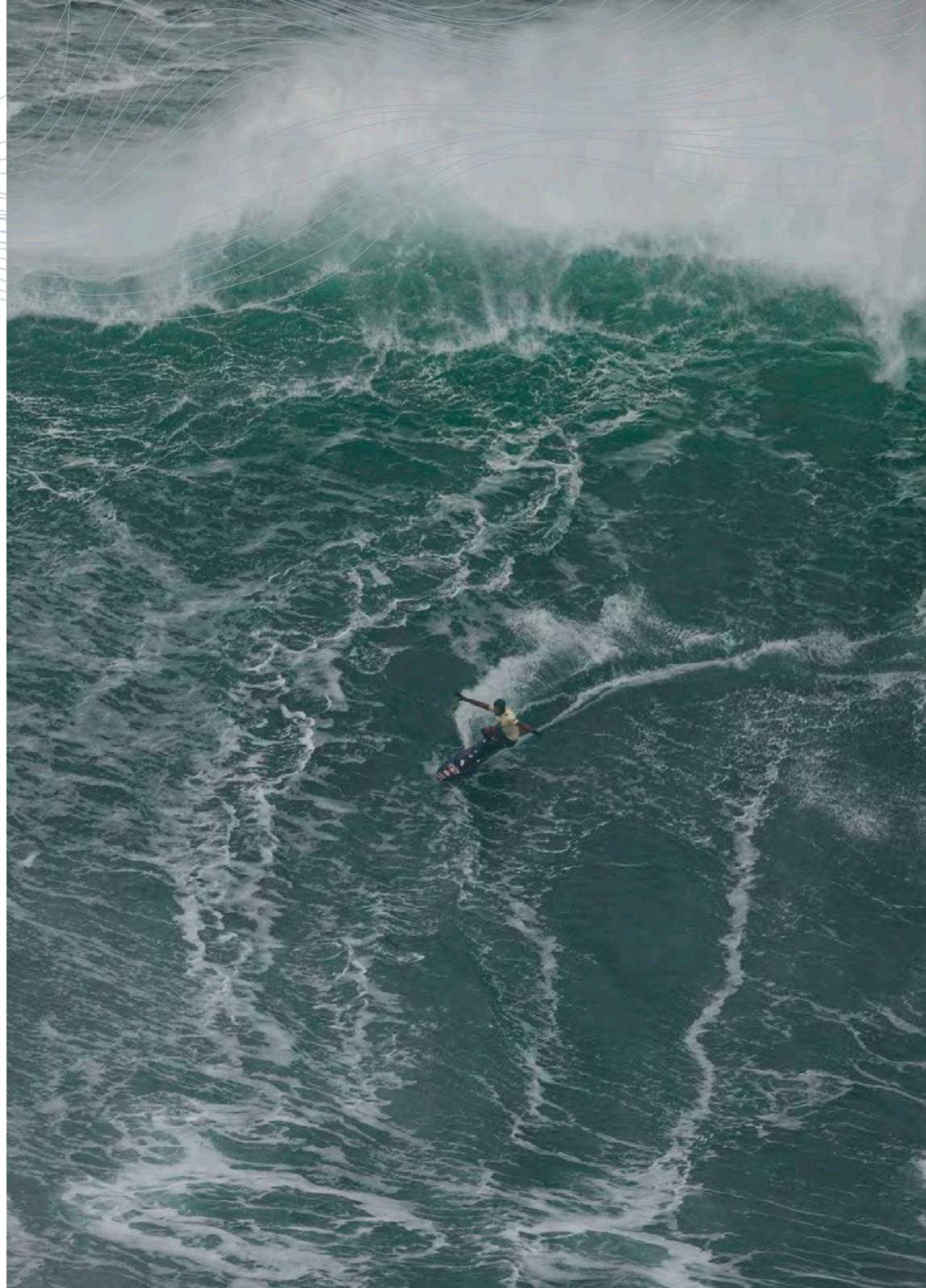


# O dia D: Gigantes de Nazaré

**Sinal verde pro Gigantes de Nazaré, cinco dias antes da data marcada. O *big surf* tem essas programações rápidas mesmo. A previsão estava otimista, o que se confirmou.**

Acordamos cedo. Caio tocava o Ukulele dele às 6h da manhã, ritual de praxe. Desafinado e feliz. Alimentação leve, começamos o processo de ir até o porto, trocar de roupa, *jet ski*.

Trabalhei pro evento no dia e não consegui ficar tão junto deles quanto gostaria, mas ficava com um olho no peixe e outro no gato. Eram dois dias de surf e o desafio era em dupla. Na verdade, era um programa da Globo, mas com o surf em pauta.





Apenas uma parte dos jets na água



Ian fugindo da espuma

Havia dois prêmios: maior onda e melhor performance. Ao mesmo tempo em que eles eram a dupla mais iniciante e de primeira viagem ali, eram também os mais leves e descompromissados, não no sentido de despreparados e sim no sentido de estar ali curtindo o desafio de forma séria e não com espírito competidor acirrado. Tranquilos, deixando as coisas acontecerem. É mais uma vez, aconteceu pra eles naquele dia: os dois pegaram duas bombas. Se fosse apenas um dia de competição, teriam ganho. Eles não tinham *Spotter* próprio, não tinham alguém pra resgatá-los. Tinham um ao outro e talvez em virtude da força dessa relação, isso bastava.

No segundo dia, o mar foi crescendo com o passar do tempo. Até que por volta de 11h30, teve o seu auge. Fazia um dia bonito, sol, muito vento, mas as condições do mar ficavam cada vez mais difíceis. Muitas duplas na água, muitos *jets*, tudo acontecendo ao mesmo tempo. Não vem ao caso falar quem ganhou o desafio, até porque até data de exibição na Globo, isso deve ser mantido em sigilo, mas não foram eles. Sinceramente, ganhar o Gigantes seria só 1% dessa história toda. O que realmente importou foi a trajetória desde a onda da Avalanche que o Ian pegou. Quanto aprendizado esse tempo todo, quanta gente envolvida, querendo ajudar e animada com esse desafio. Sou adepta a aproveitar e curtir a jornada, trocar, aprender. O resultado é só consequência.

Eles saíram da água e por volta de 15h fomos almoçar. Estavam exaustos! Não tinham força nem pra comer. Ian tinha a marca de sol do capuz. Senti os dois aliviados. Aliviados por estarem inteiros, por ter acabado essa obrigação, de certa forma. Ainda sem data definida pra voltarem, eles optaram por voltar três dias depois do Gigantes.



Ian e Caio, mortos depois do Gigantes





Marcela Witt

## Troca de turnos

**Depois de quarenta dias juntos, Caio e Ian partiram. Ficou um vazio no coração, como esses meninos fazem falta. Eles estavam há dois meses já e entendi esse retorno repentino, depois de passado o Gigantes.**

Por ironia do destino (e que louco isso), no dia seguinte que chegaram ao Brasil, Ian e Caio foram surfar a Laje de Manitiba, em Jaconé. Ian tomou uma vaca que o rendeu uma cirurgia no ombro já operado uma vez. Palavras dele, “se tivesse sido em Nazaré, eu não conseguiria nem agarrar o *sled* de tentar dor”. Menos mal que o acidente aconteceu perto de casa e com o suporte que ele precisava, de casa e de família.

No mesmo dia que eles partiram, Marcela Witt e Nelsinho Pinto chegaram. Primeira vez deles em Nazaré, eu que já me sentia local (até a moça da lavanderia sabia meu nome) expliquei como tudo funcionava. Marcela estava animada pra velejar de *kitesurf* na Praia do Norte e ser a primeira mulher a realizar esse feito. “Ande com quem te inspira”, gosto de falar.

O que seria de nós seres humanos sem esses desafios internos e essa garra de sempre querer evoluir e melhorar? Essa busca incansável por mais nos mantém vivos e brilhando. Que bom! Amo ter amigos e pessoas que me inspiram por perto. E isso ao meu redor tem crescido em progressão geométrica.

Tenho a Marcela e Nelson como amigos pessoais também. Passei umas semanas com eles no ônibus escolar que customizaram, gravando a terceira temporada do casal no programa “Morando na Estrada”. Nunca parece trabalho, de tão leve e divertido que é.



Marcela Witt e Nelson Pinto



Marcela Witt

Marcela decidiu passar o ano de 2020 correndo o circuito mundial de *Kite*, esporte que ela domina. Apesar de polivalente, é o *Kite* o esporte pra chamar de seu. A primeira etapa seria em Cabo Verde e Portugal era uma escala. Decidiram passar por Nazaré e Marcela estava ensandecida com a ideia do *Kite* nas ondas grandes. É impressionante a luz que essas pessoas tem: Caio, Ian, Marcela... todos dessa nave dos iluminados, como gosto de falar sobre esses seres humanos que se juntam por afinidade e o que emanam.

Tudo certo, previsão com vento rasgando, logística toda encaixadinha. Alinhamos o *jet ski* com o Alemão de Maresias, como Edilson é chamado mas nem adianta chamá-lo assim. Trabalha com resgate de surf há anos, inclusive em campeonatos de surf. A presença dele ali com Marcela a deixou tranquila, caso desse algum problema. A entrada seria pela Praia do Norte, pela areia e ali é super difícil de varar a arrebentação quando o mar está grande. Um quebra-coco que parece um muro gigante na frente. Me dá dor de barriga só de pensar na força dela.

O grande segredo desse velejo da Marcela foi a autoconfiança dela, saber o quanto ela estava preparada, tanta experiência e técnica tem. Não contou pra ninguém, pra nenhum patrocinador, gravou uns videos mas não publicou nas mídias sociais. Simplesmente porque ela queria a opção de desistir, se achasse plausível. Sem pressão. Achei lindo isso!

O processo total, desde o início da troca de roupa até a chegada no Porto durou cerca de duas horas. Marcela só conseguiu varar na segunda tentativa, depois que o Alemão deu uns toques sobre posicionamento e ela não desistiu. A mesma persistência que identifiquei na Maya nos dias de surf na Praia do Norte, mas que estavam difíceis de varar. Ela entrava, tomava na cabeça, voltava, ia de novo, até conseguir. Surfava três ondas e saía. Eu ficava da areia olhando e pensando: “gente, ela não desiste.” Marcela a mesma coisa. Nelsinho e eu ficamos da areia, gravando, voando drone e comemorando quando ela desceu a primeira onda. Pensei: “safada, ela conseguiu”.





Marcela Witt

Amo essas pessoas que elevam o nível, almejam a evolução sempre, querem ousar, principalmente quando essa postura é de dentro pra fora, por uma demanda interna mesmo. Numa era tão líquida e superficial, essa autenticidade e provação genuínas me brilham os olhos.

Muito bom ver quem a gente gosta radiante de felicidade! E olha que esbarrei com muitos sorrisos assim por aqui, a começar pelo meu.

Nessa nova configuração de companhias, o *Kite* dominou. Maya nos levou a uma lagoa em Óbidos, cidadezinha a trinta minutos de Nazaré. Lugar lindo, uma lagoa de água salgada que supostamente conectava com o mar do outro lado da duna. Ver a Maya aprendendo e iniciante no *Kite*

foi curioso. Acostumada a vê-la no topo do alto nível do que faz, achei muito humana essa posição de aprendiz, de interessada em algo novo que não domina. Um lugar de vulnerabilidade. Ela mesmo dizia: “sou prega no *Kite, beginner*”. Sei que é normal aprendermos, mas me surpreende ver esse lado de pessoas que admiro. Nelsinho também está nesse fluxo de aprender *Kite* e a cada vez que o encontro, vejo o quanto evoluiu.

Muitas vezes esquecemos que não passam de indivíduos talentosos e que levam a sério sonhos e desejos. E trabalham todo dia pra esse objetivo. Mais um aprendizado pra lista. *Check.*





Nelsinho

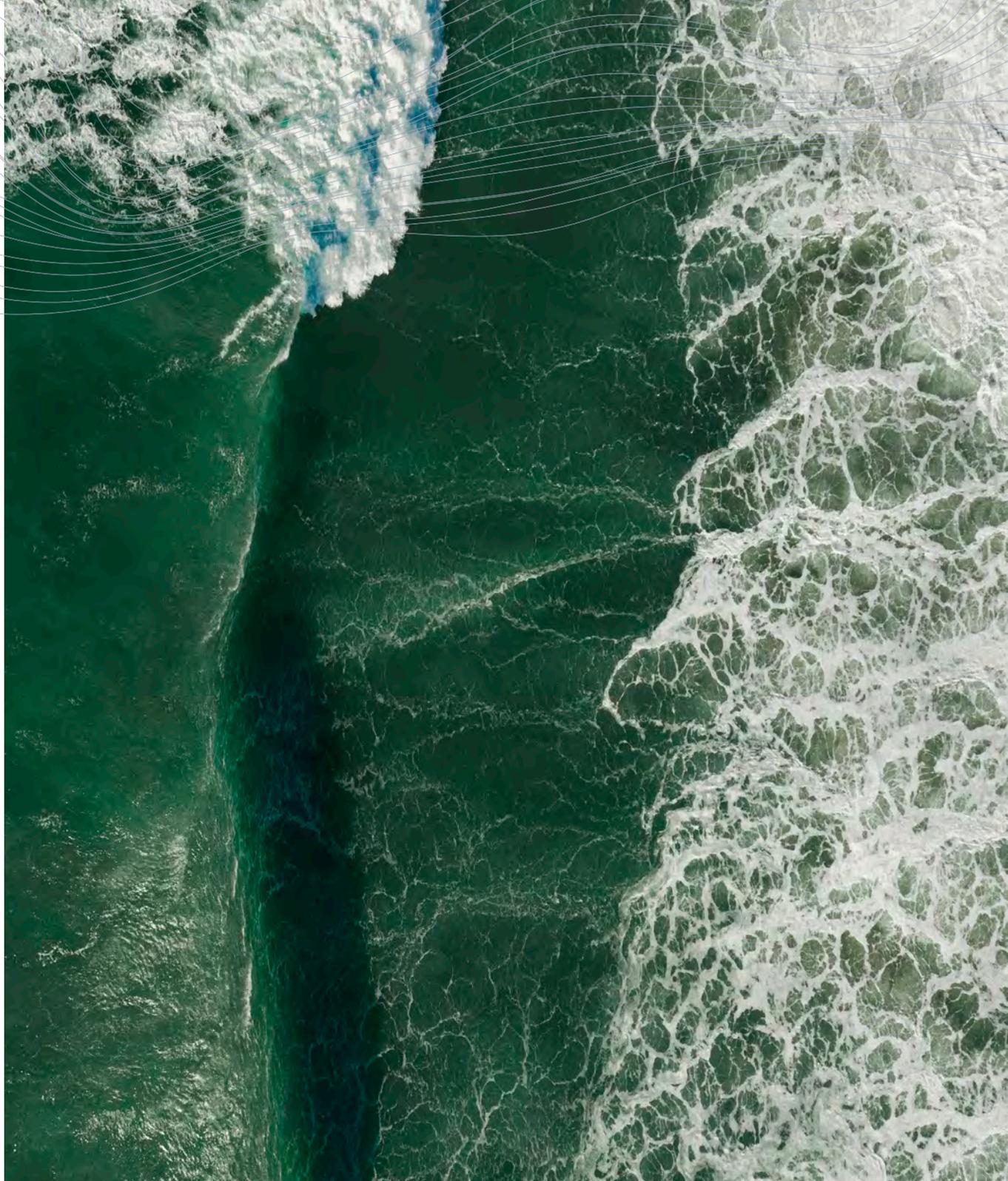
Numa brincadeira um dia pela manhã com o Nelsinho, implicamos que ele precisava praticar a leitura. Marcela pediu pra ler um texto que havia escrito e falava sobre buscas incessantes do ser humano por algo a mais. Tem gente cuja busca é dinheiro. Ou mulheres. Ou lugares. Ou sonhos. Acho que me identifico com a última parte. Essa busca é o gatilho que nos tira da zona de conforto e, analisando com quem convivo, acho que é essa busca pelo pouquinho a mais todo dia o ponto onde nos identificamos. Nem que esse “pouquinho a mais” seja ser uma pessoa um pouquinho melhor em algo, não importa o quê. Sempre repito: ande com quem te inspira.



# Um "até breve" pra vila

**Fotografar na água em Nazaré, na verdade em Portugal, exigia um força lá de dentro. Estar na água exige essa força de vontade. A gente tirava a roupa de borracha muito rápido quando acabava o surf e se vestia mais rápido ainda. Fazia MUITO frio. Chegamos durante vários dias seguidos fazer duas baterias por dia. De manhã cedo, fazíamos hora até o sol sair de trás do *cliff*, algo que acontecia por volta das 9h. Não que esse sol fizesse diferença quanto à temperatura, mas era nosso estímulo.**

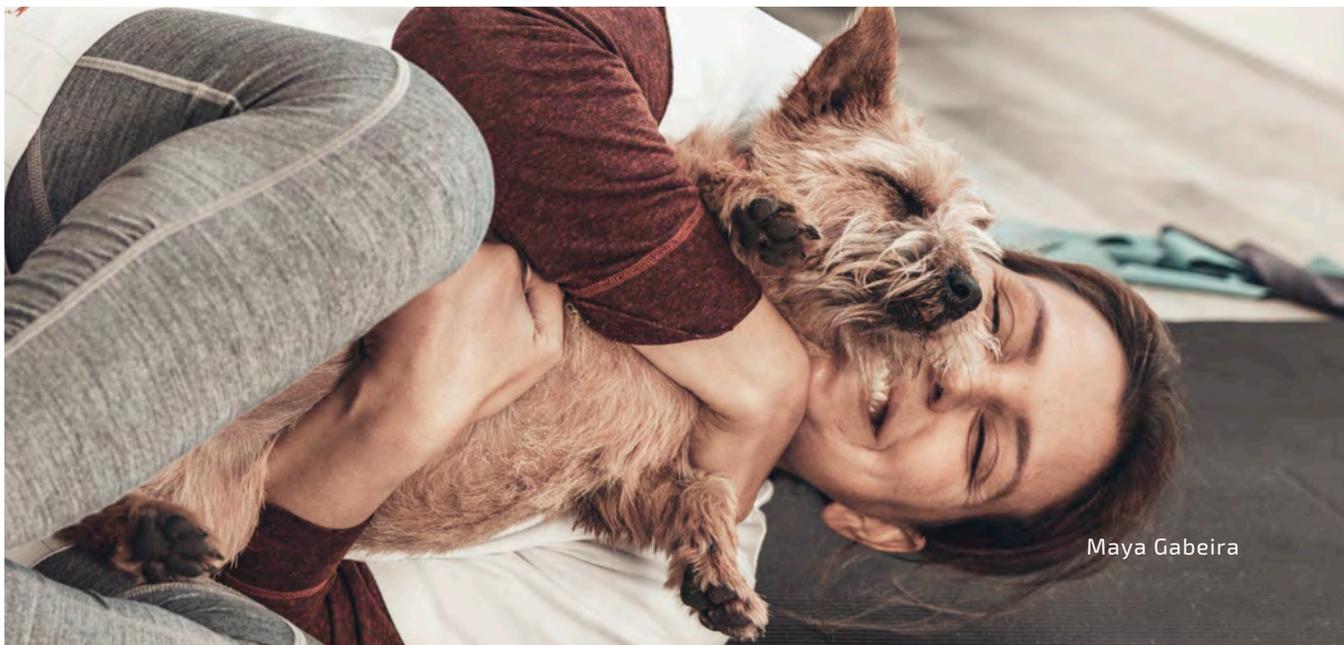
Saíamos por volta de 11h30, 12h da água, íamos pra casa comer algo e colocar a roupa pra secar (na casa nova o aquecedor bombava), baixava as fotos e voltávamos pra ver o mar na intenção de surfar entre 14h30 e 15h. Voltava no fim do dia, descarregava as fotos, banho, comer, boa noite. Confesso que as brincadeiras nos dias relativamente pequenos me animaram muito. Me vi vivendo exatamente a rotina que eu amo. Viveria assim!



Os dias teoricamente sem onda foram muito divertidos. Saí um pouco da dependência de ter que ter um *jet ski* e alguém disposto a me levar pro mar. No fundo, todo mundo quer surfar e dificilmente sobra um espacinho na garupa de alguém. Tive essa comprovação também no dia que Caio levou o Ollie pra surfar. Esqueci de contar, uma vez que fui com Caio, Ian e a Maya pra um surf de *tow in*. O mar estava muito ruim e a Maya estava sem dupla. Estávamos em dois *jets* e eles revezavam entre quem me levava e quem surfava. Surf bem mais ou menos, o mar até começou a melhorar depois. Na volta, chegando no Porto, não sei que que deu na cabeça da Maya que ela acelerou, acelerou, acelerou o *jet* e eu segurava com uma das mãos, porque a outra estava com a caixa. Voei da garupa, saí quicando que nem uma pedrinha na lagoa, toda torta. Rimos muito disso. Só pra descontrair!



Ian Vaz



Maya Gabeira



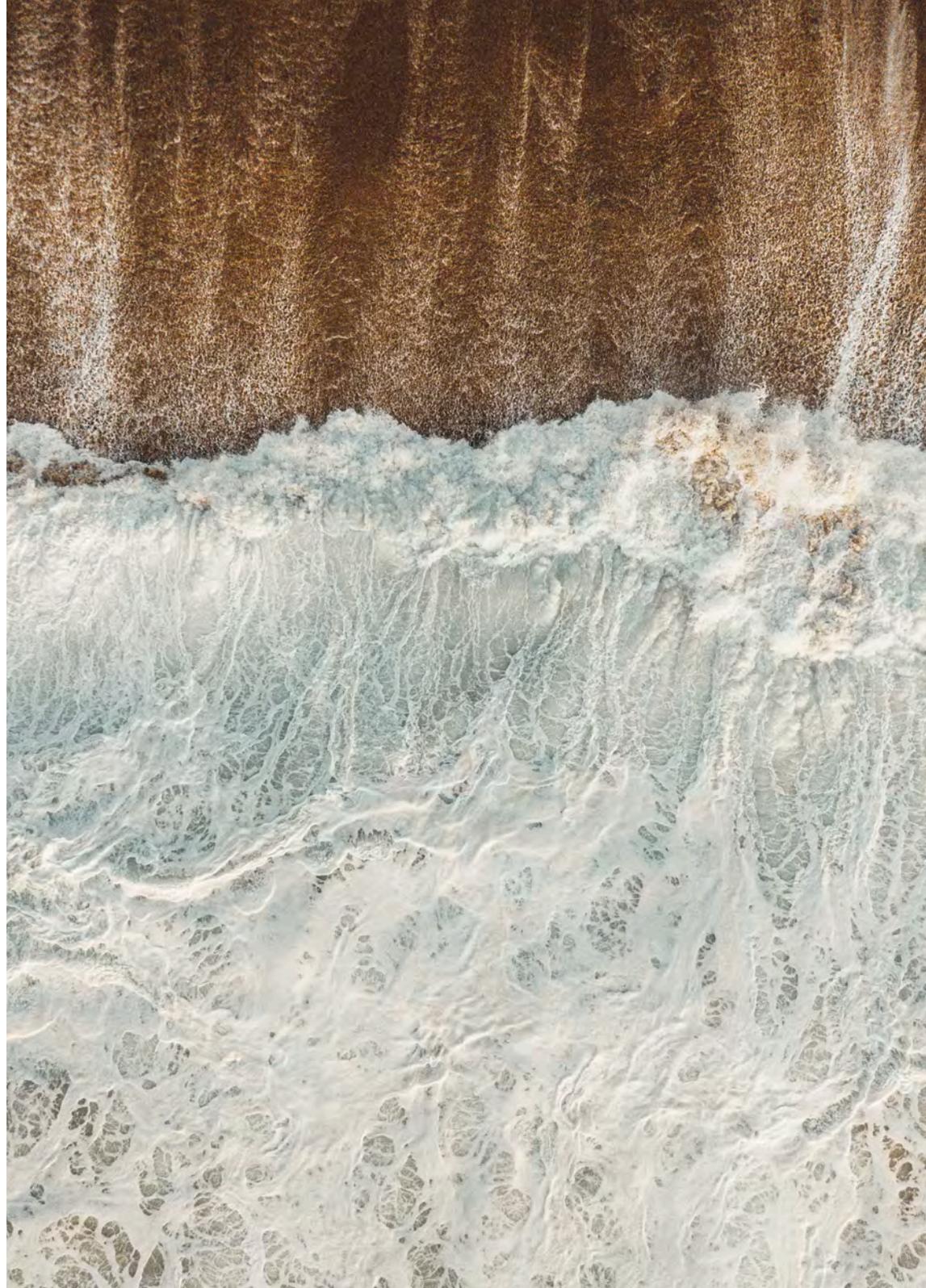


Os dias em que eu estava fotografando por mim mesmo na água me fez conectar com pessoas locais, *bodyboarders* e conseguir mostrar um pouco mais do meu trabalho. Isso faz muita diferença. Entendi que a presença está diretamente ligada à evolução. Sempre chego como anônima nos lugares, de mansinho. Falo meu nome e sou apenas mais uma com a câmera na mão.

Com o passar do tempo e publicando uma foto ou outra, você passa a ser notada. Escutei alguns elogios por lá, inclusive de pessoas que tenho como referência e isso me deu muito ânimo pra seguir. Era um dos motivos que vinham de dentro quando hesitava em entrar na água fria. Era um dos motivos que me fazia acordar cedo e ter disposição pra possivelmente entrar na água. Isso tudo somado a mais uns duzentos motivos que ficaria até a próxima década enumerando.

Estar tão intensamente com pessoas que sempre admirei e sem ter que produzir um conteúdo louco a cada dia também agregou muito. Caio e Ian nem preciso dizer. É um privilégio ser tão próxima deles, com uma energia tão boa e um brilho radiante. As coisas boas acontecem muito pra eles e quando o universo parece atrapalhar, vem um conselho dos pais pra terem calma, sabedoria, paciência. E assim eu entendo o porquê de eles serem tão queridos tendo pessoas tão especiais por trás deles e sempre sugerindo que façam o bem. E por aí também vem conviver com Marcela e Nelsinho, outros queridos que a fotografia me deu como amigos pessoais.

Cogito voltar pra temporada que começa a ganhar forma em outubro, até março. Caio também cogitou. Apesar do custo de vida ser baixo, passar uma temporada é bastante custoso e requer uma estrutura, como uma terceira pessoa para pilotar um *jet* extra, um bom rádio etc. Mas o desafio é recompensador. O clima pacato e devagar de Nazaré é só na terra. Chega a ser paradoxal com a confusão no mar. Como pode uma cidade tão calma e silenciosa receber um mar tão em fúria? Esse é o charme.





Nazaré me ensinou muito. Me aproximou mais ainda de pessoas já próximas. Me deu muita força. Me fez pensar, olhar pra dentro e planejar novas formas de trabalhar. Me fez trabalhar a paciência e saber esperar a minha vez, não no meu tempo, mas no tempo do outro. Me fez perceber o fluxo de trabalho de algumas pessoas e adaptar pra minha realidade e pra minha atividade. Foi com certeza uma das viagens mais significativas que tive, num total de cinquenta dias vivendo ali.

Essa foi só a primeira de um ciclo que se inicia e de um processo de internacionalização que me propus a criar e seguir. No mínimo, vou esbarrar com pessoas especiais no caminho! A começar por uma nova Ana Catarina que vem crescendo.

*Ana Catarina*



Projeto gráfico: Flávia Miranda  
@flaviamirandadesign

